



Entrevista por:  
Marta Santos Silva

Empresas

# Elísio Estanque: “Não me admiro que PCP e BE tenham vontade de se estabelecer na Autoeuropa”

Ontem



Para o sociólogo que estuda a Volkswagen e a Autoeuropa, dizer que o Bloco e o PCP são as principais forças por detrás do conflito na empresa é uma "explicação demasiado simplista".

**P**ara Elísio Estanque, não bastam argumentos simples — como a ação do Bloco de Esquerda e do Partido Comunista Português, por exemplo — para explicar a situação complexa que se vive atualmente na Autoeuropa. A fábrica da Volkswagen em Palmela era conhecida pela sua grande capacidade de diálogo entre trabalhadores e administração, mas **recentemente as negociações tornaram-se difíceis, dois pré-acordos foram rejeitados pelos trabalhadores**, e a empresa acabou por impor, sem negociar, um horário para este ano. O que se passa afinal?

No Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde é investigador, o **sociólogo Elísio Estanque estuda estas mesmas dinâmicas há cerca de dois anos**, para perceber como o poder dos sindicatos muda com as novas tendências mundiais.

## Como avalia a situação atual na Autoeuropa comparativamente com a sua história?

**António Chora: Sindicato  
“montou-se em populistas”**

[→ Ler Mais](#)

Há aqui alterações várias. Desde logo no país, a nível económico: houve alguma recuperação do poder de compra, alguma estabilização, alguma

recuperação de emprego e recuperação de rendimentos. Ter-se alterado o panorama geral contribuiu para fazer de novo aumentar as expectativas e até as reivindicações dos trabalhadores e do campo sindical.

Na empresa, o modelo de organização e de negociação vigente na Volkswagen tem funcionado bem, e funcionou bem enquanto

esteve na empresa uma liderança e uma Comissão de Trabalhadores (CT) que conseguiu conciliar a representatividade da força de trabalho com uma boa relação com a administração. **A CT conseguiu ser escutada pela administração e trazer para a mesa da negociação algumas exigências dos trabalhadores**, isto no período em que António Chora esteve à frente da CT.

## E depois da saída de António Chora, o que mudou?

Com a saída da anterior direção da CT, as coisas alteraram-se porque **quem lhe sucedeu, creio eu, não tinha a mesma experiência nem a mesma capacidade de liderança nem de negociação**. As diferenças internas dentro do coletivo de trabalhadores sempre existiram. Agora, os sindicatos vários que estão na empresa, com a preponderância do SITE-SUL, ligado à CGTP, procuraram aumentar a sua presença na CT, já que o modelo de negociação na Volkswagen não inclui a negociação com os sindicatos mas sim com a CT.

“

De certa maneira prevalece um certo egoísmo nacional. Há uma certa pressão para levar os trabalhadores a aceitar as condições que são oferecidas, alegando uma necessidade agora maior de aumento da produtividade nacional.

**Autoeuropa: Lista E vence, mas só tem quatro de 11 lugares**

[→ Ler Mais](#)

Atualmente é uma lista de independentes que lidera a comissão. **A maioria dos candidatos não era ligada aos sindicatos.** Essa lista de independentes e outras

conseguiram criar uma articulação entre vários trabalhadores, apesar de estarem em listas diferentes, e têm conseguido manter uma coesão entre eles para darem coesão às negociações.

## Que outros fatores estão em jogo?

Um outro aspeto que é fundamental tem a ver com a realidade do mundo empresarial, não só a nível nacional mas a nível internacional. Estas empresas têm unidades produtivas espalhadas pelo mundo, e com o sistema económico vigente procura-se, pela lógica do mercado, ir em busca de condições mais adequadas. **Dessa maneira consegue-se assim fazer chantagem,** apesar de o discurso da chantagem ter sido evitado no passado...



Elísio Estanque, sociólogo. Fotografia de Esquerda.Net no Youtube.

De certa maneira **prevalece um certo egoísmo nacional**. Há uma certa pressão para levar os trabalhadores a aceitar as condições que são oferecidas, alegando uma necessidade agora maior de aumento da produtividade nacional.

## Como vê a decisão da Autoeuropa de impor novos horários?

**As condições que a Autoeuropa impôs aos trabalhadores**

[→ Ler Mais](#)

A empresa, perante os compromissos que tinha assumido a nível da Volkswagen global, decidiu avançar para a imposição de novos horários, pelo menos em 2018. No entanto,

é preciso olhar para o movimento operário desde o século XIX. A conquista do sábado, por exemplo, foi uma vitória de muitas lutas dos trabalhadores. As decisões têm de ser negociadas.

Há outra variável que também tem a ver com isto: não se sabe bem até que ponto é que esta realidade se refere apenas a um período temporário ou se é para durar. É preciso que a administração da empresa o esclareça. **Quanto mais se arrastar e mais difícil forem as negociações, mais provável é que haja consequências para a produção nacional...**

## A ameaça de deslocação para outro país parece credível?

Essa ameaça já esteve mais presente do que está agora. A julgar pelas posições públicas que os dirigentes dos trabalhadores têm assumido, parece provável que seja possível encontrar um acordo justo.

"O facto de haver diálogo não impede que haja conflito. E até que é saudável que assim seja. Qualquer gestor de uma empresa tem noção que aquilo que os trabalhadores pretendem às vezes entra abertamente em choque com os interesses da empresa."

Elísio Estanque  
Sociólogo

Está ainda no ar a hipótese de ser convocada uma greve. **Se a cultura da empresa, de diálogo e de capacidade de ouvir a outra parte, prevalecer, seria possível evitar que o conflito se agravasse e que as consequências mais drásticas possam ser evitadas.**

## A cultura da empresa de que fala continua a existir ao fim deste turbulento meio ano?

As coisas são dinâmicas, e não se pode entender o diálogo como se a empresa pudesse funcionar por decreto como se fosse uma família. **O facto de haver diálogo não impede que haja conflito.** E até que é saudável que assim seja. Qualquer gestor de uma empresa tem noção que aquilo que os trabalhadores pretendem às vezes entra abertamente em choque com os interesses da empresa. Tem de ser uma cultura de diálogo.

## Como vê as interpretações de que o Bloco de Esquerda e o PCP estão a usar a Autoeuropa como campo de batalha?

O campo do trabalho e o campo sindical, desde a revolução industrial, sempre foram terreno fértil a que diferentes correntes sindicais, partidárias e de ideologias ambicionassem alcançar a maior influência possível. **Isso sempre foi assim, não é novidade nenhuma.** Portanto não me admiro absolutamente nada que haja quer por parte do PCP, quer por parte do Bloco de Esquerda, quer por parte de um novo grupo, vontades de se estabelecerem.

**Isso são elementos que estão presentes, mas creio que não são fatores determinantes para compreender o jogo de poder e a complexidade que faz parte desta empresa e deste conflito.** Há explicações demasiado simplistas. Os partidos tentam movimentar-se e é normal que assim seja, mas não é o determinante.